

O impacto do desempenho da Cooperativa Café Timor na satisfação e qualidade de vida dos seus membros

Carlos da Conceição de Deus,¹ Pedro Henriques²
Fátima Jorge,³ Vanda Narciso⁴

...Por outro lado, o feliz aparecimento de um cafeeiro resistente à ferrugem, produzindo um café semelhante ao café Arábica, localmente designado por “Moka”, e a sua progressiva difusão, já em larga escala a partir de 1956, ajudou a manter o prestígio comercial do café timorense nalguns mercados europeus, nomeadamente o dinamarquês e o holandês. Tal cafeeiro, designado por «Híbrido de Timor», um tetraplóide com 2n, 44 cromossomas, supõe-se resultante do cruzamento natural do *Coffea arabica* L. com *Coffea canephora* P. O exemplar original do “Híbrido de Timor” encontra-se numa plantação de *Coffea arabica* L., variedade típica, designada por «Mata Nova», na Feitoria de Fatu Bessi, estabelecida em 1917-1918, a 800 m de altitude, no concelho de Ermera (Ferreira et al. 1972).

Introdução

A cultura do café em Timor-Leste iniciou-se no período colonial português, onde ganhou importância fundamental na sua economia, permaneceu como uma das principais culturas de rendimento durante a ocupação Indonésia do território e no período pós independência ganhou um papel motor para dinamizar o desenvolvimento das zonas rurais com implantação cafeeícola.

O café foi introduzido em Timor em meados do século XVIII e as primeiras plantações foram estabelecidas na primeira década do século XIX, mas é somente a partir do último quartel daquele século que a cultura se desenvolve, ganha importância como cultura de rendimento para os agricultores e ao dominar as exportações de Timor torna-se a sua verdadeira moeda externa.

Os diversos governos coloniais portugueses dinamizaram a sua cultura através da construção de viveiros e da distribuição de plantas, da obrigatoriedade da sua plantação, da construção de estações de benefício e da criação de serviços de apoio e experimentais. A estrutura da produção era dominada pelos pequenos produtores com dimensões entre 1 e 2 ha enquanto os produtores com áreas de plantação significativas eram em número bastante reduzido. A comercialização interna e a exportação eram dominadas pelos intermediários de etnia chinesa e europeia, muitas vezes criticados por praticarem preços muito baixos na compra aos produtores de café.

Inicialmente a variedade cultivada era a típica da espécie arábica, mas com o surgimento da ferrugem no final do século XIX, foi introduzida a espécie libérica e no princípio do século XX a robusta. A excelente qualidade do café arábica que Timor produzia, em termos de aroma, qualidade e composição química, permitiu-lhe atingir desde meados do século XIX fama excepcional em vários mercados, beneficiando, por isso, o seu preço de uma majoração.

Na primeira metade do século XX, um acaso da natureza ocorreu em Timor, o improvável cruzamento entre a espécie robusta (22 cromossomas e resistente à ferrugem) e a arábica (44 cromossomas e café de grande qualidade) deu origem ao híbrido de Timor. Foi a partir deste híbrido, disponibilizado por Timor ao mundo em 1956, que todas as variedades existentes da espécie arábica resistentes à ferrugem foram obtidas.

A melhor tecnologia de transformação do café cereja em café verde, a via húmida, já aplicada no princípio do século XX no território, é dinamizada pelos diversos governadores coloniais por ser aquela que conduz a uma qualidade superior do café a que se juntaria o descasque mecânico e a selecção e classificação do café destinado à exportação.

¹ Departamento Agro Economia, Universidade Nacional de Timor Lorosa'e.

² CEFAGE e Departamento de Economia - Universidade de Évora.

³ Departamento de Gestão - Universidade de Évora.

⁴ Investigadora independente.

Após a ocupação do território pela Indonésia em 1975, a produção de café continuou a ser a principal actividade de rendimento e de trocas com o exterior. No entanto, houve pouco interesse em manter ou desenvolver práticas de cultivo, ou mesmo em contribuir com qualquer tipo de retorno de capital para a cultura. O único interesse era extrair rendimento através da quantidade de café colhida, vendida a um preço barato.

A comercialização interna e a exportação de café eram dominadas em regime de monopólio por empresas Indonésias, que praticavam preços reduzidos e cujos lucros ajudaram muitas vezes a financiar a guerra de ocupação. É somente em meados da década de 90 que aquele monopólio é quebrado, pelo surgimento da National Cooperative Business Association (NCBA) na transformação e comercialização do café, levando a um aumento do rendimento dos produtores de café.

No que diz respeito à indústria do café durante o período indonésio, podemos dizer que em geral o principal legado foi a diminuição do interesse no cultivo do café entre os timorenses já que os agricultores actuando como guardiões das plantações, colhiam simplesmente o café a partir das antigas grandes plantações, bem como das suas próprias pequenas explorações.

Com a consolidação do período de transição e com a restauração da independência, a estrutura de produção de café cereja manteve-se, mas outros intervenientes entraram no mercado de compra de café aos agricultores dos quais destacamos a Cooperativa Café Timor (CCT), Timor Global, Timorcorp, ELSAA Café, Always Café e ONGs. Do ponto de vista da produção, o Ministério da Agricultura em paralelo com ONGs e agências internacionais de apoio ao desenvolvimento têm dinamizado a reconversão dos cafezais, a reintrodução de práticas culturais e a melhoria da tecnologia de transformação do café cereja em café pergaminho. Não contabilizando os produtos petrolíferos, a cultura do café continua a ter nos dias de hoje um papel relevante no rendimento do sector agrícola e nas exportações. Podemos dizer que desde meados do século XIX que a cultura do café é o produto principal da sua economia, cuja cultura em Timor é muito mais um processo florestal que pomícola (Silva 1957). Se juntarmos à natureza florestal do café de Timor a falta de atenção dada às plantações, a sua produção é natural, de padrão biológico.

Existe consenso que os dois principais problemas da produção de café são a produtividade baixa e a baixa qualidade. Todos os intervenientes do sector do café reconhecem que existe muito potencial para a produção de café de alta qualidade e para aumentos de produtividade. Para além deste dois problemas, consideramos que existe uma desigualdade na repartição dos rendimentos gerados pelo café pelos diferentes intervenientes da sua cadeia de valor. Esta desigualdade não é um problema pós independência, pois já era referida no tempo colonial português e foi uma marca da ocupação Indonésia.

O objectivo deste artigo é analisar o papel da CCT na melhoria do bem-estar dos seus membros, os agricultores produtores de café.

Produção, comercialização e importância do café

As duas espécies de café que permaneceram no território ao longo do tempo, arábica e robusta, aproveitam as diferentes altitudes do território e contribuem com 86% e 14 % da produção, respectivamente (Wahjudi 2009).

A tecnologia de produção do café cereja em Timor-Leste, para além das plantações, ferramentas agrícolas e material de apanha, utiliza poucos ou quase nenhuns factores de produção. Assim, os agricultores, na grande maioria, não fazem poda, não limpam os cafezais, não controlam as pestes e as doenças e não fazem a substituição das plantas velhas. Os agricultores limitam-se a colher o café das plantações existentes. O único factor de produção variável utilizado é a mão-de-obra familiar, em que a colheita domina com cerca de 55,2% do total.

Os principais problemas da produção de café cereja são de ordem técnica destacando-se as lacunas no manuseio das plantações de café, uma baixa qualidade da colheita e as pestes e doenças que afectam quer as plantas de café quer as árvores de sombreamento.

Wahjudi (2009) refere que cerca de 40 % de café de Timor-Leste é de baixa qualidade devido a uma colheita efectuada precocemente por os agricultores precisarem de dinheiro para as suas necessidades.

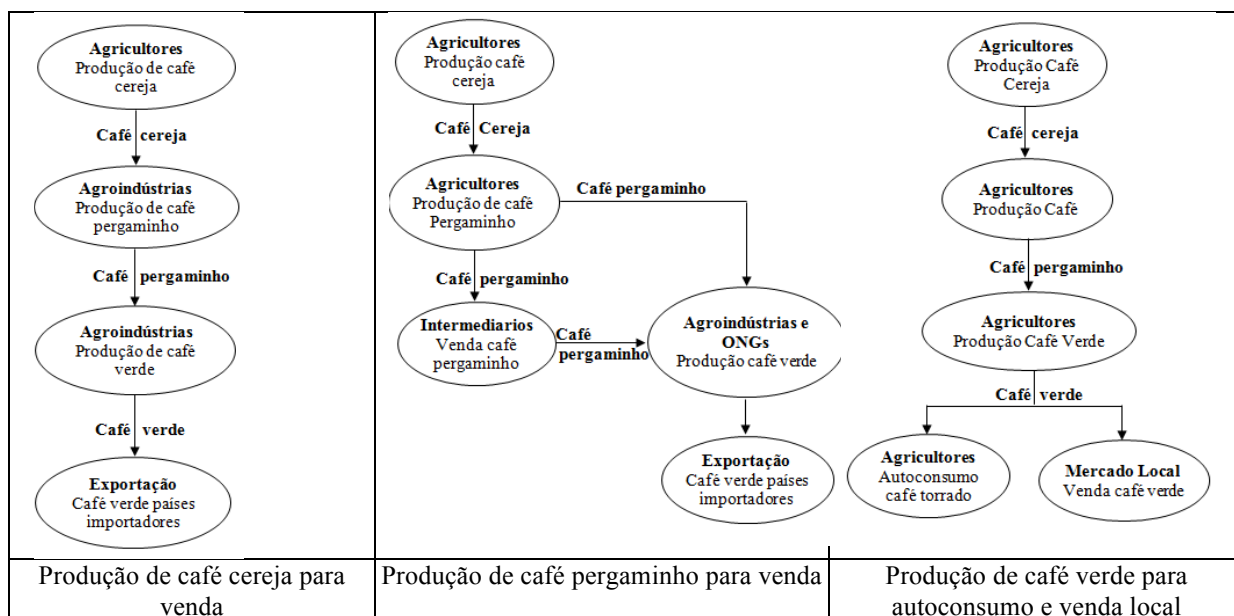
O café cereja é transformado em café pergaminho e este em café verde que se destina maioritariamente à exportação. Uma pequena parte da produção de café é vendida no mercado interno como café verde ou torrado.

Os circuitos económicos do café estão presentes no diagrama 1. O café cereja é vendido às empresas agro-industriais que utilizam a via húmida para o transformar em café pergaminho e depois em café verde para exportação. As empresas que se dedicam ao processamento de café cereja, CCT, ELSAA cafés e Timor Global, só compram café cereja aos agricultores, começando esta em Março e prolongando-se até Agosto.

O café cereja que não é vendido às empresas agro-industriais ou que é apanhado depois de Agosto é transformado pelos próprios agricultores em café pergaminho. Este é vendido aos comerciantes intermediários, às ONGs, ou às empresas agro-industriais que se dedicam somente à transformação de café pergaminho em café verde para exportação.

O café pergaminho que não é vendido, é transformado pelos agricultores em café verde, o qual é autoconsumido pelo agregado familiar ou vendido nos mercados locais na época da chuva para fazer face à falta de rendimento para comprar alimentos.

Diagrama 4.1 – Circuitos económicos do café produzido pelos agricultores



Fonte: Deus 2011

A tecnologia de transformação do café verde em café pergaminho pelos agricultores é variável, podem utilizar uma via seca (café é posto a secar com polpa), uma via húmida mitigada (depois da despolpa fermentam o café em cestos tradicionais) ou quando as infra-estruturas existem uma via húmida completa. A utilização simultânea destas técnicas conduz a uma grande variabilidade na qualidade do café pergaminho produzido pelos agricultores. Na produção de café pergaminho as empresas utilizam somente a vida húmida.

Se em 2002, cerca de 75% do café era produzido pela via seca e o restante por via húmida essencialmente feito pela CCT (OXFAM 2003), nos dias de hoje este rácio inverteu-se, devido à instalação de novas empresas e recuperação e construção de estações de beneficio.

Na transformação do café pergaminho em café verde a maioria das empresas agro-industriais utiliza equipamento mecânico enquanto nas zonas rurais é utilizada a tecnologia do pilão ou almofariz. A torrefacção do café verde para abastecer o mercado interno é maioritariamente manual nas zonas rurais, enquanto em Díli existem torrefacções industriais (ex. CCT).

O café é cultivado na maioria dos 13 distritos de Timor-Leste e contribui com 10% para o PIB agrícola. A produção, área ocupada e percentagem de famílias produtoras são apresentadas na Tabela 1.

Tabela 1 - Famílias, área, produção e produtividade em 2006

Distrito	% famílias a produzir café	Área total Hectares	% área total	Produção total Toneladas	% da produção total	Produtividade Kg/hectare
Ermera	84,8	29225	56,2	5372	53,1	184
Manufahi	59,6	7310	14,1	1687	16,7	231
Liquiça	65,8	6756	13,0	1244	12,3	184
Ainaro	72,1	5024	9,7	1191	11,8	237
Outros Distritos	19,6	3674	7,1	628	6,2	171
Timor-Leste	34,2	51989	100,0	10122	100,0	195

Fonte: Ministério da Agricultura, Pesca e Floresta 2006

Para a área média de café por família (0,78 ha) e a produtividade média (195kg/ha de café verde), a margem bruta estimada é de 338,1USD/ha e o rendimento anual por família de 264 USD. Este rendimento anual equivale a 0,72 USD por dia, valor inferior à linha da pobreza definida para Timor-Leste, 0,78 USD por dia (Guterres 2010; Direcção do Agronegócio 2008). O rendimento do café contribui para 90% do rendimento monetário das famílias e é um recurso fundamental para obter os bens alimentares e não alimentares (OXFAM 2003).

Muitos cafezais são velhos e quase improdutivo, cerca 56% da área total de café em 2006 (MAP 2009), devendo a sua reconversão ser uma prioridade da política agrícola. A replantação de novos cafezais (1350 ha em 2006 ou 2,6% da área) deverá ser incentivada, pois a sua rentabilidade, medida pela TIR, é superior a 15% para a variedade arábica típica (com contra safra na produção) e cerca de 30% para a variedade híbrido de Timor sem contra safra na produção (Henriques 2010).

Em 2008, a produção rondou as 14000 ton, a exportação as 12500 ton e o consumo interno as 1500 ton. (DNPIA 2009). A exportação de café é feita pelas grandes empresas exportadoras. Os principais destinos de exportação, em 2005, foram os EUA (43,6%), Alemanha (29,4%), Indonésia (12,6%), Portugal (6,7%) e Austrália (3,4%) (Direcção de Agronegócio 2008).

Timor-Leste é um país pequeno em termos da produção e do consumo mundial pelo que é um tomador de preço e desde sempre que o preço pago à produção local tem reflectido as variações no preço mundial.

Tal como no período colonial português e durante a ocupação indonésia, a exportação de café está hoje concentrada num número reduzido de empresas. O mercado de venda do café cereja e do café pergaminho é do tipo oligopsónico, os produtores são controlados pelos compradores, sem qualquer tipo de regulação. Parece também não existir uma informação clara e transparente sobre os preços do café recebidos por parte das empresas exportadoras. Neste contexto, é questionável se os preços pagos aos produtores são os mais justos, dado que a capacidade de negociação dos pequenos produtores é relativamente pequena ou nula.

A agro-indústria do café emprega um número significativo de trabalhadores permanentes e sazonais, estimados em cerca de 11000 em 2001, mas superior nos dias de hoje devido à entrada das empresas Timor Global, Timorcorp LTD, ELSAA café, Always Café. Para além disso, no seu programa de saúde rural a CCT possui dez clínicas fixas e 27 clínicas móveis e apoia duas instituições académicas o Institute of Business (IOB) e a Academia Café Timor (ETICA) (CCT 2010).

Metodologia

O trabalho utilizou dados primários baseados em inquéritos por questionário aos produtores de café e dados secundários através da análise documental, em que a experiência e o conhecimento do terreno pelos autores foi factor determinante para o trabalho desenvolvido.

O inquérito por questionário foi realizado no Distrito de Ermera, sub-distrito Letefoho, onde foram entrevistados 86 agricultores, seleccionados por conveniência, dos sucos de Ducurai e Haupu pertencentes a uma Cooperativa de Café Orgânico (CCO), associada da CCT.

Para analisar os dados recolhidos foram utilizadas técnicas de estatística descritiva e multivariada, com o propósito de validar as hipóteses formuladas para o trabalho e descritas no ponto seguinte.

Resultados e Conclusões

Na região em estudo predominam as explorações de café da espécie arábica, as plantações são uma mistura entre cafezais novos e velhos sendo estes dominantes, a área média das explorações é de 2 ha e cerca de metade têm uma área inferior a 1 ha. A propriedade da terra pertence aos agricultores e foi obtida através de herança, sendo esta atribuída pelos pais só aos filhos homens.

O café cereja colhido pelos agricultores tem dois destinos vendido directamente à CCT ou processado pelos agricultores em café pergaminho e depois vendido a outras empresas ou nos mercados locais. A produção média por agricultor de café cereja é de 745 Kg e de café pergaminho de 435 Kg enquanto a quantidade média de autoconsumo é de 22 Kg. Em termos de produtividade, 40% dos agricultores apresentam valores inferiores à média nacional de 195Kg/ha de café verde. *Todo o agregado familiar trabalha nas operações culturais do café, dominando o homem na limpeza e a mulher na colheita.*

A tecnologia usada pelos agricultores na transformação de café cereja em café pergaminho é a tradicional, a via seca pura ou húmida mitigada. Na transformação do café pergaminho em café verde é usado o pilão ou almofariz.

Para a quase totalidade dos agricultores o café é a actividade que proporciona maior rendimento, em média 936 USD, mas 40% dos agricultores recebe em média 334 USD e 46% apresenta um rendimento/ha inferior à média nacional. Este rendimento é gasto principalmente na escola dos filhos e na alimentação.

Relativamente aos principais problemas referidos pelos agricultores, os mais graves são a falta de sombra, o preço baixo e dificuldades de acesso aos mercados, seguidos pela falta de operações culturais do café e a baixa produtividade, e por último a comercialização deficiente e os cafezais serem velhos.

Estes dados indiciam uma fraca capacidade dos agricultores para terem acesso a informações sobre o preço e mercado; conhecimento sobre poda, colheita do café, e, em geral, como tratar o café; incapacidade para reconverter os cafezais velhos; e níveis baixos de bem-estar, conforto e qualidade de vida.

Para analisar a percepção que os agricultores têm dos seus níveis de satisfação e bem-estar foram testadas as hipóteses abaixo indicadas.

A satisfação dos cooperantes está positivamente relacionada com o desempenho global da CCO/CCT
Das respostas às variáveis presentes na Tabela 2, concluímos que a maioria (>50%) dos agricultores mostram-se satisfeitos com os serviços dos responsáveis da CCO, com os serviços da CCT, com a CCT como empresa e com o preço pago pelo café. É de relevar que alguns agricultores também se mostraram insatisfeitos, principalmente com o preço do café.

Tabela 2 – Satisfação dos cooperantes e desempenho da CCO/CCT

Variável	Resposta
Satisfação serviços responsáveis CCO	22,1% insatisfeito, 59,3% satisfeitos
Satisfação com os serviços da CCT	15,1% insatisfeito, 64% satisfeito
Satisfação com CCT como empresa	7,0% insatisfeito, 75,6% satisfeito
Satisfação dos preços do café fornecido pela CCT	44,2% insatisfeito, 46,5% satisfeito
Comparando os preços pagos pela CCT com os outros	18,6% mais baixo aos dos concorrentes, 80,2% igual do que os dos concorrentes

O grau de satisfação dos membros da cooperativa está positivamente relacionado com os serviços fornecidos pela CCO/CCT

Com base na Tabela 3 concluímos que a maioria (>50%) dos agricultores mostraram-se satisfeitos com formação da CCO em colheita de café e com os serviços de enfermagem e ambulatórios. Relativamente aos programas para tratamento e soluções do café e serviços médicos, a maioria das respostas corresponde aos agricultores estarem satisfeitos ou em situação igual.

Tabela 3 – Satisfação dos membros da cooperativa e os serviços da CCO/CCT

Variável	Resposta
Satisfeito com formação da CCO em colheita de café	9,3% insatisfeito, 58,2% satisfeito
Satisfeito com o programa fornecido pela CCO como curso de formação para tratamento de café	27,9% insatisfeito, 41,9% satisfeito e 30,2% igual
Satisfação das soluções oferecido pela CCO ao produto de café	27,9% insatisfeito, 41,9% satisfeito e 30,2% igual
Os principais serviços de saúde disponíveis para os associados da CCT	Enfermeiro (bom ou muito bom, 80,2%), Ambulatórios (bom ou muito bom, 52,6%) e médicos (bom ou muito bom, 45,6%).

A actividade da CCO/CCT influencia positivamente a qualidade de vida dos membros da CCO/CCT

A maioria (>50%) dos agricultores não melhorou a sua qualidade de vida como membro da CCO e a família não foi envolvida em actividades sociais, enquanto reconhecem o contributo das formas de produção e uso do café para a elevação da qualidade de vida (Tabela 4). Neste sentido, a realidade actual indica que a cooperativa ainda não conseguiu realizar o objectivo de melhorar a qualidade de vida dos agricultores.

Tabela 4 – A actividade da CCO/CCT e a qualidade de vida

Variável	Resposta
Como membro da CCO melhorou a sua qualidade de vida	22,1% sim, 75,6% não
Formas de produção e uso de produto de café elevaram a qualidade de vida	5,9% discordo, 91,9% concorda
A CCO preocupa em envolver a família dos cooperado em actividades de lazer, assistência social ou educação	4,7% sim, 95,3% não

A participação dos sócios nas tomadas de decisão da CCO/CCT é pequena

Concluimos que a maioria (>50%) dos agricultores não é convidado e não participa nas tomadas de decisão da CCO, apesar de a maioria ser membro há bastante tempo e estar satisfeito como tal (Tabela 5).

Tabela 5 – Participação dos sócios e tomada de decisão da CCO/CCT

Variável	Resposta
Tempo como membro da CCO	Membro há mais de 10 anos 60,5%, entre de 2 e 4 anos 7,0%
Satisfeito como membro da CCO	22,1% insatisfeito, e 59,3% satisfeitos
Comunicado e convidado a assistir às assembleias-gerais ou reuniões da CCO	Nunca 76,7%, às vezes 12,8%, muitas vezes 10,5%
Participa da tomada de decisões da CCO	18,6% sim, 81,4% não

Em resumo, 59,3% dos agricultores disseram estar satisfeitos por serem membros das CCO/CCT. O nível de satisfação dos agricultores como membros da CCO e pelos serviços fornecidos pela CCT aumenta com a idade, a satisfação com os serviços fornecidos pela CCO, a actividade dos responsáveis da CCO, a formação em colheita de café, a formação em tratamento de café, as soluções para o produto café e a satisfação com o preço do café, os agricultores de Ducurai apresentam maior satisfação que os de Haupu, e diminui à medida que a dimensão das explorações aumenta e com o número de anos de filiação na CCO.

Bibliografia

Cooperativa Café Timor (CCT) 2010, *Sistema de trabalho CCT e NCBA*, Díli.
 Deus, Carlos da Conceição 2011, *Impacto do desempenho da Cooperativa Café Timor na satisfação e qualidade de vida dos seus membros*, Tese de Mestrado em Gestão da Universidade de Évora.

- Direcção de Agronegócio (DA) 2008, *Commodity Profile for Coffee*, Ministério da Agricultura e Pescas, Díli, Timor-Leste.
- Direcção nacional de plantas industriais e agrocomércio (DNPIA) 2009, *Evolução das Culturas Agrícolas*, Ministério da Agricultura e Pescas, Díli, Timor-Leste.
- Ferreira, L. A. B., H. D. Vilar, M. A. C. Fragoso, M. C. Aguiar, M. J. R. Cruz, M. Mayer Gonçalves 1972, Subsídios para a caracterização do grão de café do híbrido de Timor, Junta de Investigações Científicas do Ultramar.
- Guterres, Verónica da Costa 2010, *Comercialização interna e externa de café na empresa de Timorcorp, em Comoro-Timor-Leste*, Relatório final do estágio em Ciências Agrárias, Díli.
- Henriques, P.D. de Sousa 2010, *A Rendibilidade da cultura do café*, Documento de trabalho, Díli.
- Ministério da Agricultura, Pescas e Floresta 2006, *Linhas Políticas e Estratégicas para Agricultura, Floresta e Pescas*, Díli.
- Ministério da Agricultura e Pescas (MAP) 2009, *Estatísticas agrícolas*, Direcção de Culturas Industriais e Agro negócio, Díli.
- OXFAM 2003, *Overview of the Coffee Sector in Timor-Leste*, editado por TimorAgri, Díli.
- Silva, Hélder Lains e 1957, *Timor e a Cultura do Café*, Memórias – Série de Agronomia Tropical, Junta de Investigações do Ultramar, Ministério do Ultramar, Lisboa, Reeditado por TimorAgri, Díli.
- Wahjudi, Bambang 2009, *A Economia do café de Timor-Leste*, Gabinete do Ministro do Turismo, Comércio e Indústria, Díli.